

APRESENTAÇÃO

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, Porto, Portugal

Manuel Castells (2009) diz há já muito tempo que vivemos na era da Internet. Esta permeia todas as esferas sociais. Veja-se no aspeto político: foi a Internet que trouxe o acentuar das práticas participativas, como é o caso dos orçamentos participativos ou o *crowdfunding*. No fundo, uma política participativa, horizontal e sem intermediários. Um modelo particularmente fecundo para uma época de desencanto com a democracia participativa, tida como hierárquica e demasiada afastada dos cidadãos. A arte não é exceção e tem sofrido enormes influências com o avanço da Internet. A atual importância de fenómenos como o *do-it-yourself*, o *maker movement* e o cooperativismo na Internet não podem ser entendidos sem se levar em consideração o *digital shift* que levou a cultura para um novo modelo, que alguns apelidam de *Cultura 3.0* (Sacco, Ferilli & Blessi, 2018; Guerra, 2019).

Trata-se do resultado da nova vaga de inovações tecnológicas que estão na base das indústrias culturais. A grande inovação é que agora não se centra no alargamento da oferta e das audiências, mas sim numa mudança estrutural na produção. Hoje em dia praticamente cada um pode ser produtor. Com esta explosão do lado da produção, cada vez se torna mais complexa a divisão entre produtores e consumidores culturais. A grande mudança da *Cultura 3.0* é a transformação das audiências em atores culturais. O enfoque terá de ser, acima de tudo, numa participação cultural ativa. Uma situação em que as pessoas não se limitam a receber passivamente a cultura, mas são, pelo contrário, estimuladas a participar em todo o processo. Serem parte integrante. Não apenas ouvir música, mas tocar, formar uma banda. O que implica toda uma mudança nas expectativas e valores, quer dos indivíduos quer das ideias que se tem sobre a criação artística (Durrer & Henze, 2020; European Agenda for Culture, 2017; Nascimento, Pereira & Ghezzi, 2014).

É precisamente aqui que a política e a arte se encontram. Ou melhor, multiplicam os seus encontros. Como sabemos, a Internet alterou o estatuto da arte, o papel dos criadores e do público. Desde os anos 1990 que a arte participativa almeja envolver os públicos no processo criativo, tornando-os similarmente autores. É um modelo que defende que sem a participação do público a arte está incompleta. Isso servia para se ganhar um sentimento de responsabilidade e de valia pessoal (Bishop, 2012, 2006; Winiacka, 2019).

É, em parte, neste frutuoso caldo teórico que este novo número da Revista Todas as Artes se situa. Alain Quemin, no seu artigo *Ranking contemporary art galleries: a sociological attempt from the French case*, procura analisar uma questão que se tornou cada vez mais importante, especialmente após o período de crise económica, isto é, qual é a relevância do mercado no mundo artístico atual e, mais do que isso, estabelece um *ranking* de galerias artísticas francesas baseadas no reconhecimento e acesso ao mercado. Indubitavelmente que o valor e o capital dessas galerias se vê confrontado com as manobras da Cultura 3.0. Fernando Gerheim, por sua vez, em *Modernismos alternativos: Joan Brossa e o conceito de participação semântica de Hélio Oiticica*, analisa a interessante perspectiva de Joan Brossa, que postula o conceito de modernismo alternativo, que serve para romper com as narrativas hegemónicas da história da arte ocidental;

mostrando outras visões de reconhecimento e de consagração. Pluralidade de cânones, de sentidos e de representações é também o eixo estruturador do terceiro artigo ou não estivessemos a abordar Madonna. Neste artigo, justamente intitulado *Celebridades, narcisismos e iconofílias na pós-modernidade*, Roney Gusmão estuda a forma como Madonna incorpora a *praxis* e o *ethos* pós-moderno nas suas performances. Acima de tudo, como é que a *persona* por ela criada pode ser analisada enquanto expressão dos valores que impregnam a cultura pós-moderna e pautam novos afetos e distinções artísticas e culturais consagrados.

Alexandre de Almeida, em *Guia de referência da música skinhead white power brasileira*, realiza, de forma interdisciplinar, algo sub-estudado: o mapeamento de grupos, bandas e seus reportórios *skinheads white power* brasileiros. Este mapeamento servirá, acima de tudo, para se melhor compreender a forma de agitação metapolítica que esses grupos e bandas levam a cabo nos dias de hoje. Com Alexandre de Almeida, penetramos nos universos *underground*, das diferenças, das pertencidas exarcebadas. De certa forma, muitas destas manifestações recobrem o *regresso do reprimido* na contemporaneidade. Ainda que algum deste material esteja disponível na rede mundial de computadores, a possibilidade de o documento ser publicado de forma incompleta ou com informações equivocadas é real, comprometendo a credibilidade dos resultados finais da pesquisa.

Thamara Venâncio & Renata Zago, em *A crítica de arte de Frederico Morais ao uso de novos media nos anos 1960 e 1970*, analisam uma realidade que, como dissemos acima, é extremamente atual: procuram abordar a visão do crítico de arte Frederico Morais relativamente à opção dos artistas contemporâneos pelos novos média. Este crítico distinguia-se por considerar o artista como uma espécie de guerrilheiro, cuja tarefa principal não era de construir/criar obras, mas sim de propor situações, experiências. Luiz Alberto Moura, por sua vez, em *Um Jardim Punk no bairro de Alvalade em Lisboa: de símbolo do Estado Novo a ícone do punk rock português*, reflete sobre o bairro lisboeta de Alvalade como um dos pontos mais emblemáticos do despoletar do *punk rock* português, por volta do fim dos anos 1970. Um bairro idealizado pelo Estado Novo e que, ironicamente, se tornou centro de ideias e contestação.

Lídia Pinheiro, num registo de pesquisa intitulado *Narrativas do hip hop na Nova Gaia*, analisa o papel que este desempenha na construção identitária dos jovens, especificamente na vertente do rap existente nas freguesias de Vila Nova de Gaia. Por fim, Jonas Pilz efetua a resenha do quarto volume do livro *Keep It Simple Make It Fast: An approach to underground music scenes*, publicado por Paula Guerra & Thiago Pereira Alberto em 2019. Trata-se de uma coletânea que aglutina mais de 60 textos em torno da temática *Gender, differences, identities and DIY cultures*. O livro oferece olhares diversos sobre tónicas emergentes e recorrentes nas pesquisas atravessadas pela música, subculturas, *underground*, arte de um modo geral, ativismo e problematizações de género, como objeto principal ou tangencial.

Porto, dezembro de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bishop, Claire (2012). *Artificial Hells. Participatory art and the politics of spectatorship*. Londres/Nova Iorque: Verso.
- Bishop, Claire (ed.) (2006). *Participation*. Londres: MIT Press.
- Castells, Manuel (2009). *The rise of the network society: Information Age: Economy, Society, and Culture*. Londres: Wiley-Blackwell.

- Durrer, Victoria & Henze, Raphaela (Eds.) (2020). *Managing culture. Reflecting On Exchange in Global Times*. Londres: Palgrave.
- European Agenda for Culture (2017). *Promoting access to culture via digital means*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.
- Guerra, Paula (2019). Pensar as políticas culturais no século XXI: o caso de Lisboa. *Revista Nava*, 3(2), pp. 157-179. Acedido em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119718>
- Nascimento, Susana; Pereira, Ângela Guimarães, & Ghezzi, Alessia (2014). *From citizen science to Do It Yourself Science*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.
- Sacco, Pier Luigi; Ferilli, Guido; Blessi, Giorgio Tavano (2018). From Culture 1.0 to Culture 3.0: Three Socio-Technical Regimes of Social and Economic Value Creation through Culture, and Their Impact on European Cohesion Policies. *Sustainability*, 10(11). Acedido em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/10/11/3923>.
- Winięcka, Elżbieta (2019). Between Aesthetics and Politics. Socially Engaged Art on the Internet. *Poznańskie Studia Slawistyczne*, (17), pp. 303-319. Acedido em: <https://pressto.amu.edu.pl/index.php/pss/article/view/20111>

Paula Guerra. Doutora em Sociologia. Professora de Sociologia da Faculdade de Letras e Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» e no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Citação:

Guerra, Paula (2019). Apresentação *Todas as Artes*. *Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 2(2), pp. 4-6. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/ta2n2ap